

XLII

Não há sábado sem Sol, || nem moça sem amor

Variantes:

- a) Não há sábado sem Sol, || nem alecrim sem flor, || nem menina bonita sem amor (Moncorvo) ¹.
- b) Não há sábado sem Sol, nem domingo sem missa, || nem segunda sem preguiça (Pôrto) ².
- c) Não há sábado sem Sol, || nem velha sem dor, || nem menina sem amor (Pôrto) ³.
- d) Não há sábado sem Sol, nem missa sem padre, nem segunda sem preguiça.
- e) Não há sábado sem Sol, nem domingo sem missa, nem menina bonita sem amor.

Todas estas formas se empregam, também, substituindo-se as palavras «não há», por «nem». Ex.: *Nem sábado sem Sol, || nem moça sem amor*.

Cantigas populares:

- | | |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> a) <i>Não há sábado sem Sol,</i>
<i>nem rosmanninho sem flor,</i>
<i>nem casada sem ciúme,</i>
<i>nem solteira sem amor.</i> | <ul style="list-style-type: none"> b) Digam lá que não é certo
este eterno ditado:
<i>Nunca vi altar sem velas,</i>
<i>donzela sem namorado.</i> |
| (Coimbra) ⁴ . | (Cadaval). |

Hespanhóis: a) *No hay sábado sin sol, ni doncella (ó moza) sin amor, ni vieja sin dolor*; b) (Andaluz) *No hay sábado sin sol, ni mocita sin su amor* ⁵; c) (Galego) *No hâi sábado sin sol, nin romeiro sin frol, nin dama sin amor* ⁶.

Em Hernan Nuñez, *Refranes*: *Ni Sabado sin sol, ni moça sin amor, ni viejo sin dolor*.

Francês: *Pas de samedi sans soleil, pas de vieille sans conseil*.

Italianos: a) *Non v'è sabato senza sole, non v'è donna senza*

¹ Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 18.

² Idem, *ibid.*

³ Idem, *ibid.*

⁴ Idem, *ibid.*

⁵ *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, 1, 76.

⁶ *Gram. Gallega*, Saco Arce, pág. 274. Apud Leite de Vasconcelos, obra citada, § 18.

amore, né domenica senza sapore; b) (Sicília) *Nun cc'è sabbatu senza suli, nè donna senz'amuri*¹; c) (Sicília) *Non c'è sabato senza sole, non c'è prato senza fiore, nun c'è donna senza amore*²; d) (Livorno) *Non c'è sabato senza sole, non c'è donna senza amore, non c'è rosa senza spina*³.

*

Todos estes provérbios, e a primeira das canções populares, são o eco da superstição, comum a outros países, de que não há sábado sem Sol.

No Algarve crê-se que a razão de não haver sábado sem Sol é porque aquele dia é consagrado à Virgem Maria Nossa Senhora (Vid. *O Futuro*, de Olhão, n.º 783, de 19-1-908). Isto condiz com as palavras de Francisco Xavier de Oliveira (Cavaleiro de Oliveira), numa carta datada de 20 de Julho de 1736 e dirigida a Mr. M...: «Os mysticos são capazes de crer em tudo, e alguns têm sido tão loucos que dizem que o sol deve luzir, e apparecer constantemente todos os sabbados, porque a egreja determinou, e consagrou este dia á Virgem Nossa Senhora...» (Apud Manuel Bernardes Branco, *Portugal na Época de D. João V*, Lisboa, 1885, pág. 12, nota).

A uma mulher do Cadaval ouvi que o sábado é de Nossa Senhora, a qual nesse dia não dispensa, ao menos, um momento de Sol.

No sábado em que não houver Sol tem o rei um carneiro (Vouzela), ou mandam as freiras de Vairão um carneiro às de Arouca (Pôrto) ou teem as do Lourical um carneiro (Estremadura). (Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, § 18).

Não é inabalável a crença de não haver sábado sem Sol. Cfr. os provérbios: a) *Chuva de sábado nunca se acaba*; b) *Sábado sem Sol, chuva de maior*; c) *Sábados a chover, e bêbedos a beber, nunca ninguém os pode vencer*.

Sobre a crença de não haver sábado sem Sol, diz Leite de Vasconcelos, na obra citada neste provérbio, § 18, nota: «Nesta superstição de que *não há sábado sem Sol*, poder-se-há ver um vestígio da consagração dos dias da semana? Nos nomes franceses (Lundi=*Lunae dies*; Mardi=*Martis dies*; Vendredi=*Ve-*

¹ Pitre *Proverbi Siciliani*.

² Idem *ibid.*

³ Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 51.

neris dies, etc.), hespanhóis (Lunes, Martes, Viernes, etc.), ingleses (Monday, Saturday, etc.), alemães (Montag, Freitag, etc.), há ainda esse vestígio. O domingo era o dia do Sol (Sunday, Sonntag), e nos cristãos é o *dia do Senhor*, enquanto que as relações populares com o Sol são no sábado; mas os primeiros cristãos observavam o sábado como os judeus. Nas *Ordenações Filipinas* (1595) manda-se que se não guarde o *sábado* (nem quarta-feira), nem se coma e beba por causa das *missas dos sábados* (liv. v, tit. v, apud F. A. Coelho, *Etnografia Portuguesa*, § 61).

XLIII

**Numa porta se põe o ramo,
e noutra se vende [ou bebe] o vinho**

Este provérbio alude ao antiquíssimo costume de se pendurar um ramo à porta das tabernas, como sinal da venda de vinho.

Entre nós usa-se, geralmente, o ramo de loiro, certamente porque esta planta era uma das dedicadas a Baco pelo paganismo. Também se usa o ramo de pinho.

Baco, Sileno, os Faunos, os Sátiros, as Bacantes e, em geral, os deuses campestres, representavam-se rodeados de loiro.

Não sei se os romanos empregaram o loiro como insígnia da venda de vinho, mas do uso da hera (que também era consagrada a Baco) há o testemunho dos provérbios: a) *Vino vendibili non opus est hedera* ¹; b) *Laudato vino non opus est hedera* ²; c) *Vino vendibili suspensa hedera nihil opus* ³.

Na *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente, Maria Parda vendo as ruas de Lisboa com poucos ramos nas tabernas e o vinho tão caro, lamenta-se amargamente:

«Ó travessa Zanguizarra	Como estás de ma ventura,
De Mata-porcos escura,	Sem ramos de barra a barra» ⁴ .

E mais adiante:

«Que foi do vosso bom vinho,	Laranja, papel e cana,
E tanto ramo de pinho,	Onde bebemos Joanna
E eu cento e hum cinquinho» ⁵ .	

¹ Bento Pereira. [Creio que estas frases são modernas, e não provérbios. Pelo menes não vêm em Otto, *Proverbios dos Romanos*, Leipzig 1890. — J. L. DE V.]

² De uma edição de *As três bibliotecas*, Lisboa, 1902.

³ Idem.